

As fotografias coloniais são como máquinas de ilusões

Publico.pt/2021/05/05/culturaipsilon/noticia/fotografias-coloniais-sao-maquinas-ilusoes-1945995

Lucinda Canelas



Em cima da mesa há álbuns antigos e velhas câmaras, algumas ainda de fole, há tiras de provas de contacto e fotografias. Quem pega nestas imagens que contam histórias quase sempre felizes recua com elas ao tempo vivido em África, com a guerra à porta. Um tempo de que muitos guardam uma “memória que não é serena, nem clara”, que nuns se traduz em “raiva” e noutros numa “intensa nostalgia”.

Joana Pontes, autora de *Visões do Império*, documentário que estreia esta quarta-feira no DocLisboa (Culturgest, 16h), nasceu em Luanda, Angola, e chegou a Portugal em Junho de 1974, com 13 anos. As fotografias de família que vemos no arranque e no final deste filme fazem parte da sua história, mas permitem-lhe também abrir a janela sobre o universo de milhares e milhares de imagens do império português hoje dispersas por vários arquivos nacionais.



Foto
DR



Foto
DR

Depois de trabalhar em *Visões do Império*, a realizadora, que tem passado boa parte da sua carreira a estudar o país ao longo do século XX, retratando-o em séries documentais televisivas como *Século XX Português* (SIC, 2002) ou *Portugal, um Retrato Social* (RTP, 2006), olha para os seus álbuns de família com fotografias de África de outra maneira. “Depois de tudo o que vi nos arquivos e das conversas que tive com os investigadores tenho agora muito mais perguntas sobre aquelas imagens da intimidade doméstica e mesmo de outras que à partida parecem não ter sinais nenhuns de violência ou dominação”, diz. “Pego nos álbuns e vejo que naquelas fotografias somos felizes, mas que há nelas qualquer coisa que inquieta, que não deixa que essa felicidade seja total.”

Joana Pontes nunca regressou a Luana. Não gosta de olhar para trás, para o passado. “ Vim para casa de uma tia-avó em 74, com o meu irmão, porque os meus pais temiam que começasse uma violenta guerra civil e não se enganaram. O meu irmão ficou sempre preso àquele tempo – hoje vive em África, aliás - mas eu não. As memórias que tenho são como flashes. Lembro-me de estar na escola, das tardes que passava a ouvir música com uma amiga, dos Natais com calor...”

Trabalhar a partir da fotografia feita em contexto colonial surgiu como o desenvolvimento natural de uma investigação prévia, feita para a tese de doutoramento que daria origem ao livro *Sinais de Vida – Cartas da Guerra (1961-1974)*, publicado pela Tinta da China em 2019. Para a tese Pontes analisou 4400 cartas e aerogramas trocados ao longo de 13 anos entre os militares portugueses destacados para os vários cenários da Guerra Colonial e os seus familiares ou amigos e neles encontrou muitas vezes fotografias. “São imagens com um objectivo prático – dar conta do crescimento dos filhos, do lugar onde se vive, do exotismo africano. Muitas são de militares em pose, daquelas que nos habituámos a ver, mas há também outras que são fragmentos da intimidade de pessoas e de famílias.”

Esses fragmentos ganham outra outra espessura, novas leituras, quando devidamente integrados na produção fotográfica da época dos mais variados níveis da administração colonial e quando, sob o olhar atento de investigadores como Miguel Bandeira Jerónimo, Afonso Ramos e Filipa Lowndes Vicente, que Joana Pontes ouve neste documentário, deixam a esfera do privado e passam a fazer parte de um discurso oficial, de uma ideia de império cuja construção se serve – e muito – da imagem.

Entre a Feira da Ladra e o arquivo

Foi precisamente Filipa Lowndes Vicente quem coordenou *O Império da Visão* (Edições 70, 2015), primeira tentativa de mapear as colecções fotográficas relativas ao império colonial português espalhadas por bibliotecas e arquivos públicos nacionais, promovendo uma leitura crítica destes acervos. Com textos de Vicente e de outros 28 autores de múltiplas áreas das ciências sociais e humanas, incluindo James R. Ryan, referência no estudo da relação complexa que existe entre a fotografia e os impérios, este volume serviu de ponto de partida ao filme de Joana Pontes.



Foto
DR

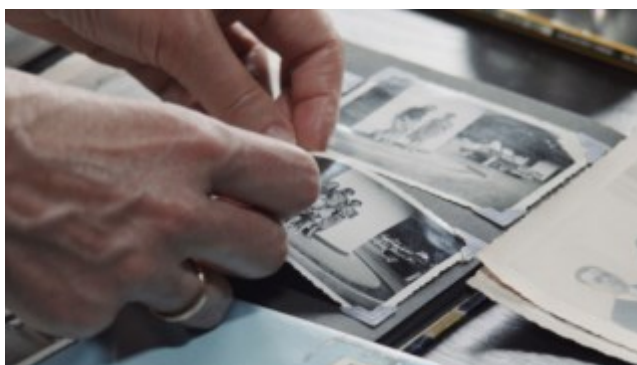


Foto
DR

No filme Filipa Vicente, investigadora do Instituto de Ciências Sociais que muito tem vindo a dedicar-se ao estudo da fotografia em Goa e à forma como se olha para as mulheres no contexto colonial, sejam elas africanas ou europeias, vivendo no continente ou participando nas chamadas missões científicas, leva Joana Pontes à Feira da Ladra, onde costuma comprar fotografias soltas saídas de álbuns de família, convida-a para sua casa, onde guarda as imagens que acumula – a expressão é sua, já que não as tem organizadas como um colecionador teria – e conversa com a realizadora nos arquivos públicos que costumava consultar.

É com Vicente que *Visões do Império* reflecte um pouco sobre a exposição óbvia do corpo das mulheres negras, por oposição ao pudor com que se mostra o das mulheres brancas; sobre a linguagem crua e racista que se encontra em cartas e postais da época e que reproduz e banaliza as desigualdades típicas das relações coloniais; ou sobre os problemas éticos que se colocam aos investigadores na hora de decidir se mostram, ou não, imagens de extrema violência associadas a estes contextos, como as dos quatro “escravos” numa

roça de São Tomé, da autoria da missionária inglesa Alice Harris, ou as dos colonos assassinados pela União dos Povos de Angola (UPA) no Norte daquela que era então a maior colónia portuguesa, em 1961.

É a propósito destas últimas, que chegaram rapidamente aos jornais e circularam amplamente pelo país em revistas e carrinhas que as disponibilizavam a quem as quisesse ver, procurando, assim, justificar a intervenção militar que viria a dar início à Guerra Colonial, que Joana Pontes ouve Afonso Ramos.



Foto
DR

As imagens brutais dos corpos esquartejados pela UPA ou dos enforcados no “embondeiro fatal”, que surgem no âmbito da violenta resposta militar portuguesa, estão no documentário, mas Pontes procura mostrá-las com uma certa distância. “Temos de falar de todos estes acontecimentos, mas não é preciso mostrar as imagens de forma crua, demasiado explícita, para pensarmos sobre aquilo tudo”, defende Joana Pontes.

As imagens dos ataques da UPA são mostradas na época, lembra Afonso Ramos, suprimindo todo o contexto de descontentamento das populações africanas e de insurreições que eram há muito do conhecimento da administração colonial. “Não temos imagens que compitam com estas do outro lado. Há um domínio hegemónico da fotografia por parte do colonizador”, diz, e isso faz destas fotografias, mesmo com todas as dúvidas que podem colocar-se quanto a veracidade de algumas, uma prova sem contraditório.

“O que mais me impressionou foi a forma como o regime usou estas imagens para despolitizar o ataque”, diz a realizadora. “Isso é feito, explica o Afonso [Ramos], para justificar moralmente a acção militar que se seguiu, que também foi brutal.”

As imagens que Miguel Bandeira Jerónimo, historiador dos impérios, revela neste documentário não têm a crueldade declarada das anteriores, mas mostram “encenações de soberania” que são também formas de violência, como as das recepções a governantes e chefias militares em que a população negra aparece em júbilo. As fotografias, ao chegar à metrópole, criam uma “ilusão de ordem, de controlo”, diz o historiador, sublinhando que “a pacificação das populações nunca foi real”.



Foto
DR



Foto
DR



Foto
DR

As imagens dos colonos – famílias nas suas melhores roupas, fotografadas com um padre e junto a casas novas que podiam ter sido construídas no Alentejo ou no Ribatejo – também contribuíram para que, na metrópole, se imaginasse o espaço colonial de uma certa maneira, ruralizado, continua Bandeira Jerónimo.

“Fiquei surpreendida com a reacção de duas pessoas que admiro muito, a quem mostrei o filme, e que me perguntaram quando viram estas imagens dos colonos: ‘Mas havia brancos pobres nas colónias?’. É claro que havia, até nas grandes cidades, a viver em situações muito complicadas”, acrescenta Joana Pontes.

A esta pergunta não será certamente alheia a forma como o Estado Novo usou a fotografia para construir a ideia de um império multicontinental, multirracial, católico e “obediente ao chefe”, como diz Joana Pontes, nem a tal felicidade quase total que geralmente se

encontra nos álbuns como os da família da realizadora. “Estes álbuns trazem-me muitas coisas à memória, mas ela vai sofrendo reconstruções e reconfigurações. É isso que nos permite viver, e viver em paz.”